

BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA: Auto-eco-formação de brincantes.

Isaura Fontes, UNEB, isaurafontes@hotmail.com

Resumo

Este trabalho relata as incursões da implantação de uma brinquedoteca universitária, que pleiteia a sua instituição como um espaço-tempo do brincante e do aprendiz do brincar, da arte e da cultura do brincar, enquanto processo auto-eco-produtor e auto-eco-organizador de autonomias relacionais, solidárias, cooperativas e sustentáveis. Constitui-se numa ação extencionista, que faz interface com as atividades de ensino do componente curricular Pesquisa e estágio do curso de Licenciatura em Pedagogia e dos estudos do Grupo de pesquisa FORMACI, da UNEB. Fomentando uma cognição complexa e em ruptura com o paradigma disciplinar, optamos pelo uso crítico dos artefatos comerciais em paralelo a construção artesanal de brinquedos em uma oficina de brinquedos, bem como pela discussão sobre as aprendizagens e o potencial formativo de cada artefato, sejam eles os pré-fabricados, “prontos para consumo” ou daqueles que optamos por denominar, como na fala de um das adoráveis crianças de nosso território, os “fazidos”, elaborados artesanalmente pelas crianças com as participações co-formativas de brinquedistas adultos. Desta arte, resulta uma postura que pleiteia uma des-hierarquização dos saberes, suas desfronteirizações, suas dialogicidades, suas complementaridades, suas contradições, intertextualidades, interfaces e ambiguidades, que requerem de nós a construções de redes com as fortes fibras sertanejas do sertão do sisal.

Palavras-chave: Formação docente. Brinquedoteca. Transdisciplinaridade.

PENSANDO NA CONVERSA QUE TEREMOS



Por que que a gente espirra
 Por que as unhas crescem
 Por que o sangue corre
 Por que que a gente morre

Do que é feita a nuvem
 Do que é feita a neve
 Como é que se escreve
 Reveillon

Ariana Calcanhote

Este trabalho apresenta a síntese das atividades desenvolvidas na brinquedoteca universitária da Uneb, no Departamento de Educação do Campus XI, Serrinha, Bahia, no período de 2015.1, período em que recebemos os brinquedos para implantação da brinquedoteca, até a presente data. O semestre 2015.1 não tem semelhanças com o ano

de 1968, salvo a conturbação de um semestre que durou um ano. Nem bem o semestre engatou e as paralizações e greve foram se consolidando. E no fim, um retorno às atividades para fazer muito, pois após este lapso temporal era quase que o começo com o tempo mais comprimido. Então, se tínhamos desafios, eles se ampliaram.

É neste contexto que assumimos a construção de um Projeto de implantação e formação de equipe para o funcionamento da brinquedoteca junto ao Departamento de Educação (DEDC), do Campus, XI, em Serrinha, município a uma distância média de Salvador, capital do Estado, de 180 km, indo pelas principais rodovias. Constituiu-se então uma ação extencionista, que faz interface com as atividades de ensino do componente curricular Pesquisa e estágio do curso de Licenciatura em Pedagogia e dos estudos do Grupo de pesquisa FORMACI, da UNEB. Entre o instituído, a instituição e a dinâmica de tempos, espaços e políticas para instaurar a “brincadogia”, enquanto espaço-tempo do brincante e do aprendiz da arte de brincar, da cultura brincante e do desenvolvimento humano que leva em conta esta importante dimensão. Assim, nos sentimos numa experiência nova no sentido tomado por Garvey (1977, p. 32):

Uma nova experiência, se não for assustadora, provavelmente atrairá primeiro a atenção, depois a exploração. Somente depois que um aspecto novo do ambiente for investigado é que ele poderá ser tratado mais levemente e ser divertido. (MOYLES, 2002, p. 21)

Ainda não chegamos a este estágio. É tempo de busca de mais recursos, de formação de equipe, de adaptações das instalações físicas, de busca de parcerias, de descobertas de potencialidades, de ciclos em aberto. Vivemos o hoje arquitetando o devir.

Nesta conversa com nossos possíveis interlocutores/as decidimos falar também dos nossos objetivos neste primeiro semestre de trabalho, bem como dos caminhos que percorremos/ construímos, com nossas errâncias e militâncias formativas e organizacionais, trabalhando a nossa implicação e engajamento com um coletivo que precisa ser mais amplo.

Assim, apresentamos neste trabalho alguns dos traços mais marcantes que conseguimos registrar e um pouco das análises que vamos elaborando ao caminhar, bem como as dúvidas e questões que vamos criando ao pensar o fazer em sua dinâmica.

Escolhemos a conversa como formato para este texto, uma conversa em andamento, observando, inclusive a formatação proposta pelo evento.

Para provocar o diálogo vamos contando por onde andamos nestes tempos e com que intenções, e antes de finalizar a provocação, começamos uma discussão de resultados fazendo uns questionamentos a serem por nós respondidos, ou não, no decorrer desse estudo.

As ideias, noções, pensamentos e experiências que construímos ao longo dos anos [...] são resultado de muitas interações com muitas pessoas diferentes, algumas guardadas para sempre em nossa memória, outras absorvidas e assimiladas como parte do nosso próprio ser. (MOYLES, 2002, p. 7)

E assim, encerraremos a prosa, na espera da continuidade da porfia.

CAMINHOS, ENCRUZILHADAS E OBJETIVOS: O RUMO DA CONVERSA



Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo desse chão, da nossa casa, vem que tá na hora de arrumar.
Reto Guedes

O começo, os objetivos.

O processo, os diálogos, as observações, as demandas, as ações e os resultados de cada ação ou movimento.

Desenvolver um trabalho formativo com/através de estudos praxiológicos no sentido de sistematizar uma proposta metodológica de práticas pedagógicas na brinquedoteca do DEDC XI, com a equipe de brinquedistas, estudantes de pedagogia em parceria com demais profissionais interessadas na implantação da brinquedoteca no Campus XI, na Universidade do Estado da Bahia, eis nosso desafio e nosso desejo em meio a um tempo histórico-geográfico de caos e transformação. Parece que o país acordou meio desatinado ante as des-cobertas tramas de uma política na qual o povo se vê como num espelho um tanto infiel e se re-conhece mas não gosta da imagem. Reações de toda ordem. A participação é uma aprendizagem que se faz necessária neste nosso momento. Em âmbitos macro e micro carecemos desta aprendizagem que na triagem da emergência dos tempos vividos recebe, de onde perspectivamos,

classificação vermelha. Requer intervenção imediata. Assim, em nosso métier, optamos por investir os nossos recursos nesta direção.

Planejar, acompanhar, coordenar, realizar e avaliar em conjunto com a equipe, sob a orientação da docente orientadora as atividades das crianças e as ações de estruturação e consolidação da dinâmica da brinquedoteca com a equipe de trabalho, desde a inscrição das crianças até a promoção dos ajustes para atender as necessidades e o contexto da comunidade atendida se constitui em ações que precisam ser refletidas e tensionadas com os pressupostos teóricos com toda a equipe, e, de modo especialmente cuidadoso, com a formação das estudantes de Pedagogia.

O objetivo inicial da brinquedoteca é atender estudantes da graduação em Pedagogia e demais licenciaturas dos cursos de formação para professores da chamada Plataforma Freire, o Projeto de oferta de matrículas especiais para formação docente em exercício o PARFOR no município de Serrinha – BA, promovendo um espaço de diálogo entre a teoria e prática pedagógica. No entanto, devido à conclusão dos referidos cursos no ano de 2015, decidimos ampliarmos a proposta de atendimento para estudantes do curso da oferta de matrícula regular do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, DEDC XI, Campus situado em Serrinha.

Ao avaliar os brinquedos que dispúnhamos, vimos neles uma concepção de brinquedoteca escolar e escolarizada, criada no contexto de uma formação de docentes em exercício. Ampliar a sua oferta para turmas de matrícula da oferta contínua se constituiu também em ampliar as suas demandas formativas e seus desafios. Era preciso começar com os recursos disponíveis, mas com perspectivas de se recriar em termos de concepção e em termos do seu alcance. Emergiram então muitas perguntas:

1. Que concepção de brinquedoteca será a nossa?
2. Com que público iremos nos abraçar? Qual o fluxo dessa participação?
3. Quem irá compor conosco esta equipe de trabalho?
4.

Desta forma, compreendendo o brincar como constitutivo do desenvolvimento - formação humana, de forma lúdica, estética, prazerosa que atua em suas relações

cognitivas, emocionais, culturais e físicas, visamos criar uma ambiência convidativa para o brincar, o sentir, o experimentar, o explorar e a construção de saberes.

A partir da disponibilização de um acervo de brinquedos fabricados em série e comercializados e da instauração de oficina de brinquedos artesanais – sejam eles dramáticos (fantoques, bonecos/as, animais, etc.), regressivos (massa de modelar, gesso, tintas, etc.), construtivos (jogos. réalias, sucatas, etc.), agressivos (bola, espada, arco-flecha, etc.) e outros – nos propomos a fomentar a ludicidade enquanto momentos em que a socialização, a sexualidade, a psicomotricidade a sensibilidade estética, a cognição, a imaginação, a fantasia e as emoções se desenvolvam, relacional e eticamente.

Para tanto se fez necessário a criação de um grupo de trabalho e de um curso que oportunizasse a formação em exercício desta equipe, que apreendesse os sentidos do brincar, a partir de estudos teóricos e do exercício de organização do espaço físico para o desenvolvimento das atividades, da organização do acervo, dos equipamentos, de materiais e do funcionamento da brinquedoteca, bem como do planejamento e coordenação das suas atividades. A formação passa então a ser constituída pela seleção e leitura de referencial teórico, da escrita do planejamento semestral, da realização organização espacial, da escrita da regulamentação interna, da elaboração de projeto político pedagógico, e do planejamento de ações através de oficinas, palestras e de relatos de experiências de projetos do nosso território geográfico.

Além disso, para que a brinquedoteca se torne um espaço “vivo”, ativo, avaliamos a possibilidade de atender, com frequência regular, os filhos e filhas dos funcionários/as, docentes e estudantes desta instituição e de modo prioritário, promover oficinas para os estudantes das escolas públicas e privadas municipais que não tenham fins lucrativos.

A primeira brinquedoteca da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no Campus XI, inicia seus trabalhos num contexto de mobilização na universidade, após o fim da greve em agosto de 2015, mês em que recomeçaram as aulas após a greve docente e quando vieram as paralizações dos funcionários da equipe técnica-administrativa. Deste modo, apesar do tempo reduzido, nossos trabalhos de organização da equipe de trabalho e de reuniões começaram a produzir efeitos.

As primeiras discussões foram em torno dos objetivos e concepção da brinquedoteca, também as leituras, referências e definição da estrutura/sala de funcionamento. Conseguimos selecionar alguns artigos e livros para a preparação de uma brinquedista que se dedicasse a coordenação das ações necessárias à construção pedagógica do projeto. Paralelo a isto, o diálogo com a Direção do Departamento apontou qual seria o espaço físico destinado às atividades, ficando a sala ao lado do Laboratório de Informática no Centro de Pesquisa, Cultura e Tecnologias – CPCT disponível para a organização dos brinquedos.

Além disso, a brinquedista, realizou uma enquete com os funcionários, planejou outra com professores e estudantes sobre os filhos/as e netos/as, para diagnosticar a demanda e potencialidade de atendimento interno no que se refere a quantidade de crianças e pré-adolescentes que poderiam utilizar o espaço diariamente, de modo que, o projeto pudesse contribuir para a aprendizagem lúdica dos “usuários” e para uma relação mais humanizada dos sujeitos que atuam na universidade e reforçando a relação trabalho e família. Com o resultado da primeira enquete realizada temos o seguinte resultado:

Crianças e adolescentes com vínculos familiares com o Corpo técnico administrativo

SEXO	IDADE	TURNO NA ESCOLA	TURNO NA BRINQUEDOTECA	DIA
FEMININO: 9	2 a 5: 4	MATUTINO: 7	MATUTINO: 11	SEG. Á SEX.: 9
MASCULINO: 9	6 a 9: 9	VESPERTINO: 11	VESPERTINO: 7	QUIN. E SEX.: 7
Mesma quantidade de meninos e meninas.	10 a 12: 5	Mais crianças estudando à tarde.	Mais crianças no turno da manhã.	NÃO RESPONDEU: 2
	Mais crianças no Ensino Fundamental.			Praticamente todos podem na quinta e sexta.

Este quadro expressa um quantitativo significativo, mas representa apenas uma referência, pois faltou a resposta de dois funcionários, e além deles, consideramos também que estes dados sofrem mudanças por causa da possível participação de uma equipe que sofre uma certa rotatividade, de bolsistas e estagiários/as. Apesar de termos mais crianças para o turno matutino, a quantidade de crianças do turno vespertino também é significativa. A quantidade de crianças da pré-escola, considerando as condições de atendimento, também é significativa. E finalmente, mesmo observando uma leve convergência para dois dias da semana (quinta e sexta-feira) a semana toda tem uma demanda razoável. Assim, com estas informações iniciais, já pudemos pensar

em um potencial fluxo para planejar nossas ações. Mas, não para nisso. Continuaremos a tabulação com os dois outros segmentos que com certeza nos trarão uma dimensão mais aproximada do fluxo.

Investimos também na tarefa de identificar os brinquedos, a idade e objetivos a que se destina cada um. Esta foi mais uma ação da brinquedista, observando que muitos dos nossos brinquedos visam desempenhar uma função pedagógica, seja relacionada às aprendizagens visadas nas disciplinas como português, matemática, história, geografia, ciências, mas também aos temas transversais como a questão de raça e sustentabilidade. Outros brinquedos objetivam contribuir com o desenvolvimento da coordenação motora e trabalhar valores, outros exercitar a criação e aspectos psicossociais. Enfim, para melhor aproveitamento e organização das atividades a serem desenvolvidas, estamos organizando um inventário onde consta, além da descrição, quantidade, orientação da idade, também os objetivos e atividades que podem ser desenvolvidas com os brinquedos que dispomos, já que também teremos brinquedistas estagiários e bolsistas, que com pouco tempo no setor precisarão atuar. Este é um paradoxo que precisamos enfrentar. Artefatos socialmente constituídos com perspectivas de construção de conhecimento dicotomizadas, disciplinaristas e formação de profissionais com uma rotatividade às vezes semestral. Optamos pelo uso crítico dos artefatos comerciais em paralelo a construção artesanal de brinquedos em uma oficina, bem como da discussão sobre as aprendizagens e o potencial formativo de cada artefato, sejam eles os pré-fabricados, “prontos para consumo” ou, daqueles que opto por denominar como na fala de uma das adoráveis crianças de nosso território, os “fazidos”, elaborados artesanalmente pelas crianças com as participações co-formativas de brinquedistas adultos. Desta arte, resulta uma postura que pleiteia uma des-hierarquização dos saberes, suas desfronteirizações, suas dialogicidades, suas complementaridades, suas contradições, intertextualidades, interfaces e ambiguidades, que requerem de nós a construções de redes com as fortes fibras sertanejas do sertão do sisal. Tarefa complexa, que para não sofrer a dúvida e sim vivê-la como nos convida Morin, recorreremos a autopoiese no sentido empregado por Maturana e Varela (1995). Fomentando assim uma cognição complexa e em ruptura com o paradigma disciplinar, como nos inspira Edgar Morin em sua obra “Cabeça bem feita”.

No que concerne à transdisciplinaridade, trata-se freqüentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, as vezes

com tal virulência, que as deixam em transe. De fato, são os complexos de inter-multi-trans-disciplinaridade que realizaram e desempenharam um fecundo papel na história das ciências; é preciso conservar as noções chave que estão implicadas nisso, ou seja, cooperação; melhor, objeto comum; e, melhor ainda, projeto comum. (MORIN, 2003, p. 119)

Outra tarefa neste período foi a identificação das dificuldades referentes à estrutura física do espaço para realização das devidas mudanças nas instalações e adaptações necessárias a este tipo de atendimento formativo com crianças, num espaço projetado inicialmente para outros fins e utilizado por uma Universidade, tendo em vista a segurança e integridade física de pessoas no período da infância, bem como a questão da acessibilidade das mesmas. Para isso, encaminhamos processos destinados pedidos de reforma da sala interna, e externamente, de solicitação instalações elétricas adequadas; de requisição para adaptação do banheiro para crianças, visto que o tamanho dos vasos sanitários não atende a idade do público a ser acolhido, dentre outros detalhes estruturais, mas imprescindíveis ao acolhimento de corpos de pessoas na fase inicial da vida. Pensar sobre estas questões se constituiu em um ato formativo de compreensão de quão importante é o ambiente para a formação e o desenvolvimento humano. Neste sentido além das questões legais que balizaram as nossas ações, tomamos como referência a construção da autonomia necessária a este desenvolvimento no sentido morianiano:


A autonomia de que falo não é mais uma liberdade absoluta, emancipada de qualquer dependência, mas uma autonomia que depende de seu meio ambiente, seja ele biológico, cultural ou social. Assim, um ser vivo, para salvaguardar sua autonomia, trabalha, depende energia, e deve, obviamente, abastecer-se de energia em seu meio, do qual depende. Quanto a nós, seres culturais e sociais, só podemos ser autônomos a partir de uma dependência original em relação à cultura, em relação a uma língua, em relação a um saber. A autonomia não é possível em termos absolutos, mas em termos relacionais e relativos. (MORIN, 2003, p. 118)

Assim, no processo de formação da equipe, organizamos uma proposta para concorrência em edital de seleção de monitores/as visando a inserção dos mesmos junto a estagiários/as do curso de Pedagogia para participar do processo de implementação da brinquedoteca junto ao público, colaborar com a organização do espaço, coordenar atividades pedagógicas e atendimento ao projeto.

Quanto a interface com componente Pesquisa e estágio, apresentamos a proposta na turma e temos duas estudantes credenciadas para estagiar este semestre, além da parceria com a turma para algumas das atividades formativas. Paralelo a isto, uma das docentes do componente curricular propôs uma parceria com a rede municipal de Serrinha e obteve êxito junto à referida equipe. Assim, temos a previsão da realização de atividades com turmas da Educação Infantil do sistema público de ensino.

Por fim, uma ação que ainda não sabemos as ressonâncias que é a implantação do “Sábado do escambo!”, cuja proposta é a criação de uma logística de permutas de brinquedos em bom estado de conservação e higiene, através de conversas supervisionadas por pais e membros da equipe da brinquedoteca, precedidas de um trabalho com as famílias inscritas, visando a formação de uma cultura de solidariedade, cooperação e sustentabilidade considerando que a “sociedade não está entregue somente, sequer principalmente, a determinismos materiais; ela é um mecanismo de confronto/cooperação entre indivíduos sujeitos, entre os ‘nós’ e os ‘Eu’” (MORIN, 2003, p. 128).

ENCERRANDO A PROSA, RETOMANDO A PORFIA

 A batalha é o começo da trégua.
Araldo Antunes

Esses são os caminhos que conseguimos registrar deste primeiro momento de construção das condições de trabalho e de existência da nossa Brinquedoteca. Considerando que da perspectiva do pensamento complexo, a reflexão sobre a ciência como disciplina mental de quem a faz, deve fazer parte da política da ciência, entendemos que formar docentes licenciadas/os em pedagogia exige de nós, este tipo de práxis, que contada em verso e prosa parece muito bonita, mas no refregar cotidiano, é muitas vezes áspera, doida e por vezes beira o irrealizável, ou seja, utopia para a qual precisamos pescar com anzol forças auto-eco-produtivas e auto-eco-organizativas em espiral para continuar avançando.

REFERÊNCIAS

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy II, 1995.

MOYLES, J.R. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Tradução Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.